

31. Jan 67

1 JAN 1967

Curitiba - Paraná

110 Est do Paraná



# RUBEM BRAGA

## Desmentido de Costa

EM Washington, o marechal Costa e Silva sentiu, de modo especial, a presença do sr. Lincoln Gordon, que fala um português razoável e que se mostra, até hoje, um entusiasta do regime brasileiro. Em sua última visita ao Brasil, deu êle, mais uma vez, o tom de sua política para a América Latina: combate à inflação, acima de tudo. Pertence à corrente dos «pragmáticos», que só raciocinam em termos de reforma econômica e fiscal.

Mas o presidente eleito do Brasil é, talvez, a última autoridade da América a quem o sr. Lincoln Gordon dá assistência oficial, em Washington. E sua substituição, no cargo de assistente do secretário de Estado para a América Latina, provavelmente será seguida de alterações profundas nas relações entre os Estados Unidos e a América Latina. Isto é certo desde que se confirmou Linowitz, como seu substituto.

A revista «Newsweek», tão ligada ao Departamento de Estado como a revista «Us News & World Report» e ao Pentágono, cataloga Linowitz como favorável à corrente dos «humanistas» da diplomacia norte-americana, que defendem, para a América Latina, a execução prioritária de reformas sociais. Em Washington, os «humanistas» têm a esperança de que Linowitz consiga injetar na Aliança para o Progresso, algumas doses de idealismo que marcaram, em última análise, a sua concepção.

Está Johnson, portanto, a caminho de uma terceira experiência, em política latino-americana. Três semanas depois da morte de Kennedy, anunciou o novo presidente norte-americano:

«Nossa intenção é falar por meio de uma só voz a respeito de todos os assuntos que afetem a este

continente. Essa voz será o sr. Thomas Mann».

Texano como Johnson, o sr. Mann entrou para a cúpula do Departamento de Estado, como assistente do secretário de Estado para a América Latina, com força total. A entrega a êle da direção da política latino-americana dos Estados Unidos, constituiu-se, desde o anúncio de Johnson, num fator de inquietação para os grupos mais abertos do Departamento de Estado. Quando embaixador no México, Mann sugerira a Kennedy que invadisse Cuba, na crise de 1961.

Depois da crise dominicana, na qual foi o agente mais ativo da intervenção militar norte-americana, as suas teses «pragmáticas» passaram a ser vistas com desconfiança cada dia maior, nos Estados Unidos. O «New York Times» chegou a acusá-lo de «tolerância para com as ditaduras militares e os regimes não constitucionais do continente». O anúncio da queda de Mann foi feito em abril de 1966. Logo depois era substituído por Lincoln Gordon, cuja primeira entrevista, como assistente do secretário de Estado para a América Latina, esteve marcada pela sugestão para que os Estados Unidos «executem uma política flexível em relação aos golpes militares em países latino-americanos». «Pragmático» como Mann, Gordon defende a tese de que os golpes militares são aceitáveis, desde que demonstrem sinais de marchar para o progresso econômico e social.

O ex-embaixador no Brasil durou pouco, como responsável pela política dos Estados Unidos na América Latina. E Costa e Silva deve ter ouvido, com uma frequência surpreendente, em Washington, um termo que êle próprio usa com frequência: humanização.